

MARTE-VIÇA

Director: VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO II — N.º 77 — Preço 3\$50 — 29/12/77

Lopes Cardoso: «A Fraternidade Operária apoia a relação de um movimento político, não se vai transformar nele.»

Acompanhado por Vital Rodrigues, Fernanda Lopes Cardoso e César de Oliveira, esteve recentemente em Espinho o deputado independente e antigo Ministro da Agricultura, eng.º Lopes Cardoso, para com eles presidir a uma sessão de esclarecimento da Associação de Cultura Socialista — Fraternidade Operária. A impossibilidade de entrevistarmos todos estes elementos, conduziu-nos a uma entrevista unicamente com Lopes Cardoso, que à qualidade de dirigente da Fraternidade Operária, alia a de conhecedor profundo do Partido Socialista enquanto poder e em particular da posição deste poder face à Reforma Agrária.

M. V. — A Fraternidade Operária nunca se anunciou como movimento político, antes como uma Associação, centro de debate dos problemas do Socialismo em Portugal. Entretanto, recentemente, o próprio eng. Lopes Cardoso admitiu a criação dum movimento político a que a Fraternidade Operária não seria estranha. Qual é de facto a relação que existe entre as duas coisas?

L. C. — Não está em causa a transformação da Associação em partido. O que sucede é que grande parte dos seus militantes, senão a maioria, tomaram a decisão de criarem um movimento político. Há uma relação, pois esse movimento será integrado sobretudo por elementos da Associação, mas o projecto de criação do movimento político e a Associação são coisas distintas. A Associação apoia efectivamente esse movimento que deverá sair

da Convenção Nacional da Esquerda Socialista Democrática, a realizar em Janeiro, mas não se confunde com ele.

M. V. — Julga que haverá o perigo de a Fraternidade Operária se diluir nesse novo movimento político em formação?

L. C. — Ao contrário. Pensamos que a constituição desse movimento restituirá a Fraternidade Operária à sua tarefa específica que foi prejudicada por uma determinada conjuntura que a obrigou a um outro tipo de intervenção, na ausência de um movimento político que o pudesse fazer. Havendo esse movimento a Associação ficará libertada para os seus objectivos de discussão, de debate dos problemas da cultura socialista, deixando assim de estar presa à necessidade de uma acção política imediata.

M. V. — O nascimento dum movimento político dentro da Fra-

ternidade Operária indicará que existe aí uma alternativa política concreta para a actual crise?

L. C. — Não se pode falar em termos de havermos encontrado uma alternativa, pois ela já existia. Agora em relação à crise temos uma proposta de solução alternativa, que passa em resumo pela definição duma plataforma, com um objectivo triplo: parar a ofensiva económica e social da burguesia, encontrar saída para a crise económica e financeira e salvaguardar, embora com sacrifícios vários, as conquistas dos trabalhadores. Só depois de encontrada a plataforma, que os trabalhadores estão em condições de impor ao patronato, é que se encarará o problema da fórmula governamental. Será errado tentar fazer o contrário.

M. V. — Parece que a Fraternidade Operária terá surgido fun-

continua na página 5

Assembleia Municipal Compasso de espera

A Assembleia Municipal marcada para a passada segunda-feira, tendo como ponto único da ordem de trabalhos a «Aprovação do Plano de Actividades e Orçamento para 1978», não chegou a debater a questão que levava à sua convocação. De facto, quase todo o tempo foi dedicado à discussão de assuntos apresentados no período genericamente designado como «ordem do dia».

Foi o caso de dois requerimentos apresentados, por um representante do PPD, respeitantes a problemas de trânsito na cidade; solicitando a intervenção da PSP para levar ao cumprimento do que está disposto quanto ao estacionamento e trânsito de veículos pesados na rua 19, e outro sobre o uso

continua na página 2

NESTE NÚMERO:

— Entrevista com JORGE RAMIRO

PÁGINA 3

— FASCISMO NA VERGADA

PÁGINA 7



A PEQUENADA ACORREU EM MASSA À FESTA DE NATAL DA «NASCENTE» E GOSTOU. HOVE TAMBÉM PRÉMIOS PARA O CONCURSO DE TRABALHOS SOBRE O NATAL. DISSO FALAREMOS NO PRÓXIMO NÚMERO.

ESPINHO e a nova divisão administrativa

Falou-se ultimamente, e disso demos nota neste jornal, na prevista futura integração do concelho de Espinho na Zona Metropolitana do Porto. Mas a importância do assunto justifica, parece-nos, que nos debruçemos melhor, desde já, sobre o significado que tal medida político-administrativa poderá vir a ter para um concelho que, como é o caso de Espinho, vive desde há muito numa situação ambígua e confusa, derivada do facto de estar incluído em diferentes zonas administrativas.

O problema é, com certeza, complicado e não pretendemos mais do que fazer uma primeira apresentação geral da questão, aguardando a publicação de mais dados que venham enriquecer as poucas informações de que sobre o assunto ainda dispomos. De qualquer forma, é nossa intenção ir alertando os nossos leitores para a grande importância do assunto.

A divisão administrativa é um importante factor da organização do território e sendo organizada em função de doutrinas político-organizativas responde, na prática, a questões de carácter geográfico, social, económico, populacional, etc.

A história da divisão administrativa do território continental português encontrou o seu primeiro momento de afirmação durante o período de ocupação pelos romanos e desde então tem sido muito complexa, evoluindo ao longo dos tempos e culminando com a

continua na página 3

NOTÍCIAS

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

e abuso do estacionamento de autocarros da Auto-Viação de Espinho na rua 18. Ambos foram aprovados por maioria.

Foi ainda aprovada uma proposta apresentada pelo presidente da Junta de Paramos em que era solicitada a intervenção do Executivo da Câmara junto das autoridades competentes no sentido de salvaguardar os interesses da População de Paramos face à construção da variante à estrada 109.

A Assembleia teve também ocasião de se mostrar favorável

continuação da página 1

à proposta do Executivo da Câmara de nomeação de um vereador a tempo inteiro, após o que, por ser já quase meia-noite, foi aprovada uma proposta para encerrar os trabalhos àquela hora. Com isso restaram apenas escassos minutos para dar início à discussão do plano de actividades para 1978, a qual transitou para a noite seguinte, sem possibilidades para nós de podermos dar o relato do que foi decidido, o que contamos fazer no nosso próximo número.

ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO
Telef. 921823



- QUINTA** - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250
- SEXTA** - Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320
- SABADO** - Grande Farmácia
Rua 19 n.º 457 — Tel. 920092
- DOMINGO** - Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352
- SEGUNDA** - Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331
- TERÇA** - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250
- QUARTA** - Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

FESTA DO P. C. P.

Com o pedido de publicação recebemos o seguinte aviso:

«A Comissão Concelhia de Espinho do Partido Comunista Português realiza, no próximo dia 31 de Dezembro uma festa de passagem do ano, na Lota do Peixe em Espinho, de cujo programa faz parte um baile com conjunto, canto livre, teatro, serviço de bar completo, sorteios, etc.

A realização iniciar-se-á pelas 23 horas e prolongar-se-á pela noite dentro...»

CONTRIBUIÇÕES

A Tesouraria da Fazenda Pública de Espinho fez saber que se encontra aberto o cofre para cobrança, durante o mês de Janeiro, da contribuição predial do grupo B (liquidação provisória) e ainda das anuidades de imposto sobre as sucessões e doações do ano de 1978.

«4 A'S» JULGADOS

Foram recentemente julgados três dos quatro jovens, há tempos detidos, e acusados de assaltos a estabelecimentos comerciais em Espinho, conforme noticiamos.

Dos «4 A's», três foram submetidos ao Tribunal da Comarca de Espinho que aplicou as seguintes penas: dois anos e dois meses de prisão e nove mil escudos de indemnização aos ofendidos a Adriano Manuel Martins e a Armando Rodrigues Custódio; 13 meses de prisão com pena suspensa por três anos a Américo Dias Martins.

O quarto detido continua a aguardar julgamento.

Quiosque Subterrâneo

Jornais - Revistas - Tabaco

A SUA MÃO

na passagem sob a via férrea



S. PEDRO

Dia 29, Quinta-feira

«Lisztomania»

M/ 18 anos

Ken Russel ao fazer este filme, abordando a figura que foi o célebre compositor Liszt e o que este representou na sua época, falhou na sua total contextura e apresenta-nos assim uma imagem nada abonadora da personagem que queria recriar. Curioso apenas para melómanos, não para cinéfilos.

Dia 30, Sexta-feira

«Cheiro a Carne»

M/ 18 anos

O comportamento caricato de um quarentão no ambiente da Sicília é o tema para mais uma comédia brejeira. Humor e imaginação são pormenores que não abundam; por

UM ANO DE CINEMA

Chegados ao final do presente ano, nós, os responsáveis por esta rubrica (que apesar das suas insuficiências e até por vezes dos seus defeitos tem merecido a especial atenção de alguns dos nossos leitores), preparamo-nos para concluir um balanço dos resultados que este ano cinematográfico nos trouxe. A exemplo do ano transacto, iremos apresentar uma lista dos que consideramos os «10 melhores filmes do Ano», uma lista das reposições que continuam a merecer o interesse geral e ainda aquele que se pode considerar como tendo sido o «Pior Filme do Ano».

Como atrás se refere, e embora tencionemos apresentar a nossa opinião pessoal, julgamos do maior interesse saber o que pensam aque-

isso apenas serve para passar o tempo, sentado, o que não é uma louvável justificação.

Dia 1, Domingo

«Golpe em Berlim»

M/ 13 anos

As aventuras dum antigo nazi em busca dum importante quantia de dinheiro escondida algures no território da Alemanha Democrática, é assunto apresentado nesta fita que tem Telly Savalas como principal protagonista. Pela falsidade das imagens que exhibe, para além da sua própria falta de interesse, somos levados a considerá-la uma obra medíocre.

Dia 3, Terça-feira

«O Rapto de Patrícia»

M/ 18 anos

A exemplo de outros filmes realizados à cerca de um assunto que tenha prendido as atenções da opinião pública internacional, este tem por tema a apresentação de alguns factos relacionados com o ocorrido com a Patrícia Hearst. Embora podendo ser inicialmente interessante a sua abordagem, esta perde-se pela ausência de uma análise cuidada que daquele acontecimento se poderia extrair.

les que nos lêem habitualmente acerca desse mesmo assunto. Com isso poderemos avaliar de uma forma mais aproximada as qualidades e os defeitos da nossa actualização. Rogamos, pois aos nossos caros leitores que nos enviem, o mais brevemente possível, a relação dos filmes que, segundo a sua opinião, merecem ser incluídos no quadro de honra desta nossa rubrica.

Para avivar a memória dos leitores, apresentamos de seguida uma relação de todos os filmes que, por este ou aquele motivo, consideramos nestas colunas dignos de atenção ao longo do ano, independentemente de serem ou não reposições.

As de Espadas (M. Forman); Blow-Up (M. Antonioni); Bugsy Malone (A. Parker); Cabaret (B. Foss); Chitty Chitty Bang Bang (K. Hughes); Desafio à Coragem (R. Brooks); Desgraças dum Cidadão (M. Frank); Duelo no Missouri (A. Penn); Electra (M. Cacoyanis); Em Nome do Pai (M. Bellochio); E Tudo o Vento Levou (V. Fleming); Fantasmas do Paraíso (B. Palma); Filme de Amor e Anarquia (L. Wertemuller); Fim de Semana Illegítimo (D. Risi); Flauta Mágica (I. Bergman); Flecha e a Rosa (R. Lester); Gata em Telhado de Zinco Quente (R. Brooks); Gina (D. Arcand); Golpada (G. R. Hill); Grande Corrida à Volta do Mundo (B. Edwards); Grande Farra (M. Ferreri); Guerra Acabou (A. Resnais); Hiroshima, Meu Amor (A. Resnais); Homem Não é Um Pássaro (D. Makajev); Império dos Sentidos (N. Oshima); Insólito Destino (L. Wertmuller); Intentiona (Y. Karasik); Intruso (L. Visconti); Jogos Nocturnos (May Zetterling); Lágrimas e Suspiros (I. Bergman); Lucky Luciano (F. Rosi); Madre Joana dos Anjos (J. Kawale Rowicz); Medeia (P. P. Pasolini); Mensageiro (J. Losey); Meu Deus ao Que Eu Cheguei (L. Comincini); Meu Tio (J. Tati); Mistérios do Organismo (D. Makajev); Monsieur Verdoux (C. Chaplin); Monstro na Primeira Página (M. Bellochio); Morte de Um Deputado (F. Vancini); Mulher é Uma Mulher (J. L. Godard); Oh Amigos Meus (P. Germi-M. Monicelli); Pato com Laranja (L. Salce); Perfume de Mulher (D. Risi); Por Favor Não Me Morda o Pescoço (R. Polansky); Principal Testemunha (F. Giraldi); Processo Dimitrov (C. Christoy); Rollerball (N. Jewison); Rolls-Royce Amarelo (A. Asquith); Sacco e Vanzetti; Sementes de Violência (R. Brooks); Serenata à Chuva (S. Donen-G. Kelly); Sexo Louco (D. Risi); Sou Eu o Culpado? (A. Lattuada); Taxi Driver (M. Scorsese); Terceiro Homem (C. Reed); Tuda a Postos Nada em Ordem (L. Wertmuller); Tudo Vai Bem (J. L. Godard); Última Mulher (M. Ferreri); Último Tango em Paris (B. Bertolucci); Viridiana (L. Buñuel); Voando Sobre um Ninho de Cucos (M. Forman); What? (R. Polansky); Xica da Silva (C. Diegues).

Procurando testemunhar o nosso apreço que teremos em receber as opiniões dos nossos leitores para esta recolha, informamos que, entre aqueles que nos remeterem a sua relação de filmes, será sorteado o livro «Autobiografia de

Charles Chaplin»: um documento importante que agora ganha especial actualidade com o desaparecimento desta genial e incomparável figura do cinema, e a que daremos merecido destaque no próximo número.

Mare Viva

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

Albertino Pinheiro, Ana Maria, António Letra, António Santos, Dário Capela, Eugénio Morais, João Barrosa, Joaquim Fidalgo, José Cruz, Manuel Loureiro, Morais Gaio e Victor Sousa.

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S. C. R. L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director:
VICTOR SOUSA

Redacção:
RUA 62 N.º 251-1.º
TEL. 921621 — ESPINHO

GUETIM

O PRIMEIRO ABRIGO

Encontra-se na sua fase final de montagem o primeiro abrigo para passageiros, numa paragem das carreiras de camionetas que atravessam a freguesia de Guetim. Situada na estrada principal que liga esta freguesia com Grijó, este abrigo merece uma menção especial, pois trata-se da primeira iniciativa do género no concelho, assinalando o trabalho consciente da Junta de Freguesia e fica como exemplo a seguir noutros locais, no interesse das populações.



Entretanto, estão praticamente prontas as placas de nomenclatura das ruas de Guetim, que também neste campo precede as outras freguesias do concelho e vem corresponder a uma necessidade imposta pelo desenvolvimento da freguesia.

Espinho e a divisão administrativa

continuação da página 1

revolução liberal de 1820, altura em que se «desencadeou uma ruptura brusca com os esquemas e processos tradicionais, moldando-os às transformações económicas, sociais, culturais e jurídicas que então despontavam».

Essas sucessivas divisões administrativas fazem ainda hoje sentir-se em muitos aspectos, definindo zonas de influência, sobretudo a nível provincial, distrital e concelhio, em torno das localidades, cidades e vilas, que foram ou são ainda redes das várias circunscrições.

Seria, entretanto, de esperar que a I República, ao liquidar a monarquia e institucionalizar um regime diferente viesse a provocar profundas alterações no domínio da reorganização do território. Mas o facto é que, se muito se discutiu e se várias propostas chegaram a ser avançadas certo é que, de concreto, os dezasseis anos de governação republicana foram insuficientes para que se realizassem transformações efectivas.

Mas aquilo que de actuante faltava à República foi amplamente ultrapassado pela intervenção activa que o regime fascista dedicou à reformulação territorial e institucional do sistema administrativo português, «pondo termo às transformações democráticas que se

haviam processado no decurso da I República, inaugurando um longo período marcado por forte cunho autoritário que se reflectiria nas estruturas do poder local, adaptando-as à doutrina subjacente ao regime político-social que então se implantava».

Em 1930 foi nomeada uma comissão encarregada de elaborar uma nova delimitação provincial, que veio a propor a divisão do território nacional em 11 províncias: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta, Beira Baixa, Beira Litoral, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve. Aliás a Constituição fascista de 1933 consagrava que «O território do Continente divide-se em concelhos que se formam de freguesias e se agrupam em distritos e províncias», indicando como corpos administrativos as câmaras municipais, as juntas de freguesias e os concelhos de província. Mas a ideia de reforçar a importância das províncias não foi acompanhada das necessárias estruturas de apoio, a vários níveis, indispensáveis para lhes dar real capacidade de intervenção. E é assim que a partir de 1959 foram tomadas várias medidas relacionadas com a extinção da província enquanto autarquia local e a sua substituição pelo distrito.

O Fascismo na Vergada

Vergada: terra de gente honrada, de trabalhadores que ganham honestamente o seu dia. Mas também terra de alguns caciques, de industriais relutantes em ceder alguns dos seus privilégios, de comissões fabriquéiras empenhados em manter a ordem do antes de Abril.

Fomos até lá. E qual não foi o nosso espanto, quando num pelo menos aparentemente pacato café da terra, topámos aqueles dois retratos, religiosamente colocados na parede, para que todos os vissem e admirassem. Talvez o leitor não acredite, mas tratava-se efectivamente de Salazar, na sua muito característica pose de «velha senhora» e ainda, como se não bastasse, de Spínola que, empreitado, nos fitava do alto do seu monóculo. E perante tão triste e lamentável encontro, não resistimos a tirar discretamente a fotografia que aqui publicamos.

Não podemos deixar de nos interrogar: porque não se diri-

gem as autoridades ao Café «Bélita», que assim se chama aquele lugar, e actuam como lhes manda a Constituição e um mínimo de escrúpulos democráticos? Que o proprietário do café em causa possua uma especial predilecção por adular tão caquéticas figuras, que as tenha até penduradas à cabeceira da cama, é lá com ele, embora isso não deixe de nos repugnar. O que não nos pode caber na cabeça é que lhe seja permitido expô-las em lugar público, insultando impunemente os sentimentos democráticos da população trabalhadora da Vergada.

Aqui fica mais este alerta, porque estamos com o Portugal democrático e porque não podemos deixar passar a veneração cúmplice e provocatória dos responsáveis por 48 anos de fascismo e por numerosos atentados contra a Revolução de Abril que, pelos vistos, ainda não chegou à Vergada.



Eles estão ali, para quem quiser e não quiser ver. Não estamos a falar de Agostinho nem de José Martins, como é evidente...

CASA RAICA

Modas e Confeções

RUA 62 N.º 101

ESPINHO

O QUE ABRIL ABRIU

O 25 de Abril veio, também neste capítulo, lembrar a necessidade de se proceder a profundas alterações, o que veio até a ser reconhecido na elaboração da Constituição, a qual consagra os «princípios de autonomia da autarquias locais e da descentralização democrática da administração pública».

Para corresponder a esta orientação geral, o Ministério da Admi-

nistração Interna elaborou um projecto de decreto-lei para a criação de estruturas regionais descentralizadas.

De acordo com a proposta, o território continental é dividido em cinco províncias ou regiões — o Minho, Douro e Trás-os-Montes, a Beira, a Estremadura e Vale do Tejo, o Alentejo, e o Algarve — e em duas Áreas Metropolitanas: a de Lisboa e a do Porto.

ESPINHO, por exemplo

É um facto conhecido que muitos organismos públicos apresentam os seus serviços organizados a nível das regiões de maneiras muito distintas uns dos outros, o que não só dificulta a capacidade de intervenção desses organismos como cria muitos embaraços à população. Assim, há muitos departamentos oficiais que seguem como limites regionais os que correspondem aos distritos (é o caso das Direcções de Finanças, da Fiscalização Económica, da Segurança Social, etc.); outros entendem esses limites com subdivisões diversas, inclusive utilizando a associação de distritos (é o que se passa, por exemplo, com as regiões militares, o Fundo de Fomento de Habitação, a Junta Autónoma das Estradas e as Construções Escolares e Hospitalares). Mas há também casos em que se toma por base apenas o concelho, ignorando quase por completo os distritos. E não faltam também exemplos em que a divisão concelhia não é observada, sendo talvez o mais conhecido o caso da divisão judicial.

Daqui se conclui que há uma grande diversidade e complexidade de circunscrições regionais, o que revela a existência de variadíssimos critérios e de marcadas diferenças nos objectivos a atingir.

Espinho, é, como outros con-

celhos, um bom exemplo do que acima fica dito, o que é ainda mais agravado por pertencer a um distrito de cuja sede fica relativamente afastado, estando, por outro lado, bem próximo da segunda cidade do país, e próximo não apenas na distância mas também na própria vida da população pois que uma parte importante desta faz a sua vida de trabalho, estudo e até diversões, no Porto. Mas vejamos alguns exemplos concretos das áreas em que se inscreve Espinho, quanto a organismos oficiais com actuação neste concelho.

Distritos e círculos judiciais — juntamente com Feira, O. Azeméis, V. Cambra, C. Paiva, e Arouca

Regiões de Saneamento Básico — na área do Porto

Regiões Militares — na Região do Porto.

Regiões de Planeamento (proposta de 1976) — juntamente com o Porto

Direcção-Geral das Construções Escolares — Zona Centro

Direcção-Geral das Construções Hospitalares — Zona Centro

Região e sub-região hospitalar — na área do Porto

Serviços de Saúde (proposta de 76) — na área do Porto

Lista de Assinantes de Telefones — na zona do Porto

Dioceses e Províncias Eclesiásticas — na área do Porto.

Eleições nos Metalúrgicos

Vitória da Lista B

Com 6.711 votos, 59,35%, a lista «B», unitária de Esquerda, ganhou as eleições para os Corpos Gerentes do Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro, com sede em Riomeão.

Constituída quase na totalidade por delegados sindicais, a lista B, concorreu a estas eleições, sob sigla «Pela Unidade contra o oportunismo», propondo-se participar activamente dentro das estruturas unitárias do Movimento Sindical, nomeadamente na C. G. T. P./Inter-sindical.

A lista «A» afecta aos anteriores

Corpos Gerentes, que durante o seu mandato, foram muitas vezes severamente criticados por terem participado no movimento divisionista «Carta Aberta», não conseguiu mais do que 3.000 votos, 26,53%. Enquanto que a lista «C», considerada como constituída por elementos sem prestígio na defesa dos trabalhadores, e alinhados com os partidos de direita, não conseguiu mais que 1.596 votos, 14,11%.

Segundo conseguimos apurar, também em Espinho a lista «B», saíu vencedora conseguindo 186 votos, contra 117 da lista «A» e 10 da lista «C».

Boletim dos Gráficos de Aveiro

Recebemos o boletim «A Folha — O Prelo», editado pelo Sindicato dos Gráficos e Transformadores de Papel do Distrito de Aveiro. De uma completa e exaustiva cobertura da actividade sindical do ramo no Distrito, destacam-se duas reflexões sobre a situação dos trabalhadores da Cartonagem Sousa, na Arrifana, e da Gráfica do Vouga, em Aveiro. De salientar ainda a continuação da publicação das cláusulas do novo Contrato Colectivo de Trabalho Vertical, que entretanto ainda não se encontra em vigor, aguardando publicação no Boletim do Ministério do Trabalho.

RESTAURANTE KATKERO

R. 15 n.º 270 — Tel. 922856
ESPINHO

Um local aprazível,
um serviço esmerado

Serviço de
Restaurante e Banquetes

Stand SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total
Agente: SACHS SIS — EFS
Tel. 9620675 — SERZEDO
V. N. DE GAIA

NÓS E O LEITOR

A propósito da página que há dois números publicamos sobre o tema "Aborto", recebemos a seguinte carta:

Ex.^{ma} Senhores:

Tendo lido os vossos artigos e opiniões, sobre o tema «ABORTO», senti vontade de poder expressar o meu pensar sobre tal assunto, e, como vocês mesmos pedem que quem queira pode mandar dizer o que pensa, aqui estou para dizer o que penso e sinto sobre tal tema: — Em primeiro, tanto vocês como tantos outros órgãos, estão a apelar para que em Portugal a prática do ABORTO seja oficializada, citam os países em que já está livre e oficial tal prática.

E, eu depois de ler tais artigos fico sempre a pensar, que se vocês todos, que tão ansiosos estais por mais esta «LIBERDADE», porque não pensais em primeiro começar a promover colóquios, reuniões de esclarecimento, com pessoal devidamente esclarecido, que começasse por explicar e educar, para que quando se chegue a ter a tal lei do aborto livre, essa mesma liberdade não venha facilitar mais asneiras do que aquelas que já se fazem mesmo sendo proibido,

concordo que a proibição não beneficia, pois sempre ouvi dizer «que o fruto proibido é sempre o mais apetecido», mas também me parece que sem haver uma educação prévia, uma liberdade total também só virá prejudicar. Pois será preciso que se explique que há muitas maneiras de evitar uma gravidez não desejada, e, que a aplicação do aborto só deve ser feita em último recurso. No nosso meio, aqui em Espinho, creio que deve haver bastantes pessoas, que poderiam ser convidadas a prestar a sua colaboração e promover-se reuniões junto das camadas populares, para começar a explicar e educar a mulher, para que não espere só pela forma de «ABORTO», para resolver desfazer-se de uma situação difícil. Esse será quanto a mim o primeiro passo a dar-se, e não querer-se urgentemente procurar conseguir mais esta «liberdade», para um acto que se não for bem estudado para que seja, ou venha a ser, um meio para beneficiar, venha a tornar-se numa ajuda a tantas outras que infelizmente já existem para destruir o

TRABALHO

Numa multinacional de Águeda

DESEMPREGO IMINENTE

PARA 500 TRABALHADORES

A sabotagem do capitalismo nacional e internacional, a indiferença do governo e da banca nacionalizada conduzem ao desemprego iminente de cerca de 500 trabalhadores da fábrica de bicicletas Stelber, sita em Águeda, segundo um comunicado do Sindicato dos Metalúrgicos.

Fazendo a história dum processo inconcebível e insultuoso para todos os trabalhadores portugueses, o comunicado começa por esclarecer as origens da situação que agora se vive. A Stelber Incorporated, firma americana, explorava as instalações de Águeda que constituíam a maior fábrica de produção de bicicletas de Portugal e a quarta da Europa. Como toda a multinacional que se preza, a Stelber não produzia para Portugal, mas sim e unicamente para o mercado americano. Isto permitiu, que logo após Abril de 1974, o boicote dos capitalistas americanos se traduzisse pelo cancelamento de encomendas no valor de 9,5 milhões de dólares. Com esta medida de asfixia, a administração americana exigia ainda o despedimento de 200 dos 500 trabalhadores da empresa.

Os trabalhadores opuseram-se firmemente a esta medida repressiva, mas não conseguiram impedir que a Stelber se viesse a encontrar sem quaisquer possibilidades de produção, criando-se uma situação de sub-emprego de cerca de 90%.

Houve um esforço para procurar novos mercados, na Europa e no

Oriente, assistiu-se a uma recuperação, mas mesmo assim a situação era insustentável.

Foi assim proposto ao Banco Português do Atlântico, credor de 127 mil contos, a transferência de capital para a posse de portugueses retirando a maioria do capital aos americanos. Sem resultado. Foram então apresentados uma série de relatórios ao governo e à banca para encontrarem um plano de salvação da empresa. Apesar dum parecer da banca que considerava a empresa viável, dum outro do Ministério da Indústria que aconselhava a intervenção do Estado e dum outro do Ministério das Finanças, a intervenção nunca se deu e o governo endossou à banca a resolução do problema.

O certo é que, apesar de aparecer uma sociedade portuguesa interessada na aquisição da fábrica, o Banco Espírito Santo, com a «ajuda» do B. P. A., recusou-se a conceder o empréstimo necessário para a sobrevivência da empresa com uma administração portuguesa.

O comunicado termina alertando a população e os trabalhadores em particular para a situação de desemprego iminente dos 500 trabalhadores da Stelber face ao protelamento de uma solução e responsabiliza o governo e a banca nacionalizada por estas atitudes de compadrio com o capitalismo internacional, menosprezando os interesses dos trabalhadores e alheando-se da recuperação económica nacional.

nosso meio familiar já tão minado com tantas «liberdades», que na prática se está a ver que em vez de beneficiar só vieram «ANARQUIZAR».

(...) Não pensem que acho que a prática do aborto na clandestinidade esteja certa, não, o que acho é que antes que essa prática seja posta com toda a liberdade, se deve procurar explicar os males que dessa prática podem vir para a saúde não só física como mental da mulher, quando praticada quer seja na liberdade ou não. Mas melhor do que eu haverá médicos, enfermeiros, ou mesmo pessoal da função sanitária ou não, que poderão dar informações mais completas. Eu apenas quero transmitir, aquilo que como mulher, me dá

pena, ver, outras mulheres praticarem.

(...) Este é o meu ponto de vista, aquilo que sinto, não procurem só conseguir para todos os actos liberdades e oficializá-los, vejam se começam é pelo principal ou seja criar ambiente e compreensão para que todas as leis sejam benéficas e não prejudiciais como infelizmente estão a ser a maioria das leis criadas para bem do Povo... ou pelo menos são pedidas com esse fim.

Atentamente passo a subscrever-me fazendo votos para que o próximo Ano Novo nos traga melhores ideias para com elas conseguirmos melhores fins.

Maria Helena Garcia

N. R. — Como os leitores certamente repararam, o nosso trabalho sobre o aborto não falava apenas da sua legalização, ou melhor, da sua despenalização. Lá dizíamos que o aborto não é a única, nem a melhor, solução para regular a natalidade. Pode ser, isso sim, um mal necessário em casos especiais. Lá dizíamos também que legalizar o aborto até pode ser a solução mais fácil, na medida em que as autoridades já não se sentirão obrigadas a resolver o problemas sócios-económicos que conduzem ao aborto. Num ponto estamos todos de acordo: a regulação dos nascimentos deverá ser feita fundamentalmente a partir de uma educação sexual e sanitária bem orientada. Mas ainda assim o aborto poderá acontecer. Daí a necessidade de que não seja considerado um crime punível pela lei.

Agradecemos a opinião e esperamos por outras.

LOPES CARDOSO falou ao «Maré-Viva»

damentalmente por iniciativa de militantes do P.S., que viam o seu projecto socialista abandonado, nomeadamente após o P. S. se tornar poder e ter de se mostrar como tal. Se o P. S. agora passasse à oposição, passaria a recolher dividendos dessa sua nova posição e talvez recuperasse a imagem de esquerda que perdeu em parte enquanto poder. Se assim sucedesse, poderia ser prejudicada a posição da Fraternidade Operária?

L. C. — Não encaramos com nenhum receio essa hipótese, pelo contrário seria positivo se o P. S. viesse a reencontrar na prática,

tido, que nós consideraríamos inaceitável. Os que fizeram essa opção, têm uma posição de submissão como nunca tiveram outros elementos que contestando a direcção, nunca estiveram na Associação.

M. V. — Acha que esses elementos teriam optado da mesma forma se soubessem já da próxima criação dum movimento político?

L. C. — Acho que sim.

M. V. — Se esses elementos reconsiderassem e, sabendo que sempre haveria o tal movimento

«Hoje não há contradição entre a prática e a ideologia do P. S.»

não no discurso ou na teoria, o seu projecto socialista. Não nos preocupam os reflexos que isso possa ter em relação à Associação. O que nos preocupa é não haver uma formação política que possa ser o intérprete do que era o projecto socialista. Se o P. S. passar para a oposição pode recolher benefícios e limitar o desgaste pela usura do poder. Não porque o poder use. O poder só usa quando é mal usado. Seja como for, também na oposição, um partido de esquerda não se define pela sua linguagem, mas pela sua prática. Em suma, se aparecer uma força (o P. S. ou outra) capaz de assumir o projecto socialista, não nos oporemos, porque não são as ambições pessoais que nos movem.

M. V. — Quando da decisão de incompatibilidade, por parte do P. S., da permanência no partido e simultaneamente na Fraternidade Operária, alguns elementos terão optado pelo P. S., pensando talvez que seria preferível aproveitar uma estrutura partidária, em prejuízo duma formação recente que correria o perigo de ficar à margem do jogo político. Acha que foi esse o motivo da opção?

L. C. — Houve elementos que tomaram essa atitude, mas em número pouco significativo, sem afectarem a Fraternidade Operária. Porque o fizeram não sei. Terão feito a sua análise e decidiram como quiseram. Só que a sua posição no P. S. passou a ser de uma submissão à Direcção do par-

político, quisessem voltar, estariam na disposição de os aceitar de novo?

L. C. — Embora as nossas portas não estejam fechadas, a verdade é que não estamos muito interessados nesses elementos.

M. V. — Voltando ao P. S., entende que a política de cedência à direita do governo se deve sobretudo as questões de ordem tática ou de apego ao poder ou se, pelo contrário, corresponde a uma opção clara da direcção do partido.

L. C. — Tenho uma opinião pessoal. Julgo que se alguma vez a tática do P. S. esteve em desacordo com a linha da sua direcção foi quando o P. S. tinha uma prática de esquerda. Não tenho grandes ilusões quanto a isso. Penso que há uma grande confusão no P.S. entre antifascismo e a esquerda, entre o que é um projecto socialista e o que é um projecto social-democrata. A direcção do P. S. será antifascista, não o nego, mas isso não significa que seja da esquerda. Se alguma vez houve contradição entre a prática do P. S. e a ideologia nele dominante foi quando o P. S. apoiou as Comissões de Trabalhadores, defendeu o poder democrático dos trabalhadores, lutou contra a lei da greve em 1974, por exemplo. Isso fez-se por razões de ordem tática, por força de uma conjuntura que submeteu a direcção do partido. Hoje, sim, já não há contradição entre a prática e a ideologia da direcção do partido.

A BOMBA DE NEUTRÕES

Consciente da ameaça que representa para a Paz e para a Humanidade a Bomba de Neutrões — um engenho macabro que destrói os seres vivos mas deixa intactos os edifícios, — o Conselho Português para a Paz e Cooperação realizou uma campanha de esclarecimento e mobilização da opinião pública portuguesa entre 5 e 19 de Dezembro. Para isso contou-se com a colaboração de todas as forças democráticas e amantes da Paz.

Em nota distribuída à Imprensa, afirmava o Conselho Português para a Paz e Cooperação que a bomba

de neutrões comprometerá seriamente o clima de segurança e de cooperação entre os povos. Conduzindo a um impasse nas actuais negociações sobre desarmamento e provocando uma nova corrida a armas sofisticadas, poderá abrir caminho para uma conflagração nuclear a nível mundial, que conduzirá à destruição da Humanidade.

Registe-se a boa adesão da opinião pública portuguesa a esta campanha subordinada ao tema: «Em nome da vida, não à Bomba de Neutrões!».

continuação da página 1

M. V. — Sendo assim, estaria prejudicada a hipótese de o P. S. vir a optar esquerda, agora, no centro da crise?



L. C. — Pessoalmente penso que sim. Pode fazê-lo por razões de ordem tática apenas e se o fizer acho que as forças socialistas devem aproveitar o lado positivo dessa opção transitória. Mesmo assim tenho fortes dúvidas. Julgo que o P. S. preferirá novas eleições, para assim manter a sua posição ambígua e não ser confrontado com uma opção de fundo que tem procurado escamotear.

M. V. — Acha que num futuro próximo o P. S. acabará por se esvaziar como partido, quando acabar a ambiguidade?

«Lei Barreto: Para mostrar boa vontade à direita»

L. C. — Não sei até que ponto isso vai suceder. Creio antes numa clarificação do panorama político português. A dada altura, só havia socialistas. Ouvi mesmo o C. D. S. dizer na Assembleia Constituinte que era socialista humanista. Agora a realidade é outra. O P. S. D. terá pouco de social-democrata e julgo que o P. S. virá a ser claramente a força social-democrata no País. Acredito que mais tarde ou mais cedo virá a suceder o que se passa em França com uma bipolarização esquerda-direita, mas não necessariamente em dois partidos.

M. V. — Qual será, nesse caso, o papel do movimento político que saia da próxima Convenção Nacional de Esquerda Democrática?

L. C. — É cedo para fazer essas previsões. Creio no entanto que a curto prazo esse movimento poderá mobilizar muitas pessoas que viram traído o projecto socialista em que acreditaram e que se puseram à margem da intervenção política. A recuperação dessas pessoas para o seu projecto político poderá ser um dos vectores dessa clarificação que é inevitável.

M. V. — Alguma imprensa atri-

bui a elementos da Fraternidade Operária o vaticínio de que o movimento da Esquerda Socialista Democrática que se venha a formar poderá obter 7% de votos numas próximas eleições. O que há de verdade nisto?

L. C. — Esses vaticínios não nos pertencem. Não encomendámos qualquer sondagem e embora nós tenhamos pessoalmente a nossa opinião nunca as veiculámos publicamente.

M. V. — A circunstância de ser um especialista em assuntos agrários, e com larga experiência nesse campo torna inevitável que aqui se refira a Reforma Agrária. O que é que pensa que poderá resultar da aplicação da lei Barreto?

L. C. — A lei Barreto corresponde à necessidade do P. S. em mostrar uma certa boa vontade em relação à direita. Não que a direita esteja muito preocupada com o peso económico da Reforma Agrária (ela até nem tem feito muito barulho pelo facto de a lei quase não estar a ser aplicada), mas sim pelo que ela representa politicamente. A direita está muito mais interessada em recuperar a banca, uma Siderurgia, mas também não esquece o exemplo que representa a Reforma Agrária como exercício do poder pelos trabalhadores.

A política repressiva que o P. S. tem levado a cabo nos campos, poderia até nem ser feita de igual modo pela direita, que preferiria utilizar processos menos vistosos, de asfixia económica das cooperativas e das U. C. P.'s. A verdade é que a lei Barreto a ser aplicada levaria à destruição da Reforma Agrária. Mas ela de facto até tem sido aplicada muito lentamente e tão lentamente que o P. S. D. e o C.D.S. já começaram a mostrar, não muito preocupação, mas uma certa impaciência. O que será a

«aplicação razoável da lei Barreto» proposta pelo P. C. P.? Não faço ideia do que isso seja, não vejo que aplicação razoável possa ter essa lei. O que penso é que quando o P. C. P. propõe isso, está a pensar em que ela nem sequer seja aplicada.

M. V. — O grande esforço dos trabalhadores alentejanos na últimas sementeiras poderá influir no recuo dos ataques à Reforma Agrária?

L. C. — Essa iniciativa foi uma das melhores formas que os trabalhadores encontraram para defender a Reforma Agrária. Haverá outras, mas a defesa da Reforma Agrária passará com certeza por uma resposta colectiva de todos os trabalhadores, que eu creio dispõem de força suficiente para levarem a defesa da Reforma Agrária e das outras conquistas a bom termo.

M. V. — Finalizando: o que se passa quanto ao processo relativo à bomba que atingiu a sua residência?

L. C. — Não sei de nada. Só sei que não está incluído no processo da rede bombista que está a decorrer. Nada mais.

JORGE RAMIRO

continuação da página 7

imediatas de entrar em competições. Os restantes estão a cargo de um professor de educação física e da ajuda indispensável de alguns atletas com mais conhecimentos. E os que à partida não reúnem condições especiais para a prática do atletismo não são abandonados, pois uma parte importante da secção de atletismo do S. C. E. continua a ser a da educação e manutenção desportiva.

50 CONTOS POR UMA VARA...

M. V. — Continua a haver dificuldades...

J. R. — Há dificuldades muito grandes em instalações e material que o clube só por si não pode suportar e por isso são cada vez mais necessários outros apoios que até agora ainda não vieram. Mesmo assim temos uma secção com 180 atletas (o que faz dela a maior do Norte e a 5.ª do país) e estamos aptos a concorrer em todas as especialidades do atletismo, com excepção do salto à vara e do lançamento de martelo. A este ponto a improvisação e a boa vontade não chegaram, o que se compreende se se souber, por exemplo, que uma vara custa cerca de 50 contos... É preciso que lá em Lisboa se olhe um pouco para aqui, e menos que a descentralização desportiva seja uma palavra vã.

M. V. — O trabalho de captação como tem sido feito?

J. R. — De inúmeras maneiras e com os melhores resultados. Com as nossas deslocações pelo concelho, em treinos, que arrastam muitos novos atletas, com contactos nos estabelecimentos de ensino e movimentações a níveis de escola, como a da época passada, que reuniu milhares de jovens do concelho. E enquanto pudermos e as estruturas permitirem, continuamos com as portas abertas...

E Jorge Ramiro não quis terminar, sem prometer ainda que tanto ele como Leitão, continuariam em Espinho a despeito dos convites que já receberam. «Porque», dizia, «é preciso não tirar os estímulos a viveiros como estes que vão cada vez mais aparecendo pela província. Se assim não for como se poderá querer que o atletismo deixe de ser um exclusivo de Lisboa e Porto?»

E no dia seguinte, Jorge Ramiro até ia para Lisboa... Não para ingressar num clube da capital, mas correspondendo a um convite para participar num estágio de 4 dias do seleccionado pré-olímpico, onde irá colaborar com a parte técnica.

CAFÉ E RESTAURANTE COPELIA

Almoços e Jantares
Serviço à lista
Especializado em
Casamentos e Baptizados
Grande variedade de
Petiscos
Rua 23 n.º 808 — ESPINHO

LEIA E CRITIQUE
MARÉ VIVA

DESPORTO EM BALANÇO

continuação da página 7

mero de praticantes já é elevado e porque o seu timoneiro, o professor Gouveia, tem dado o melhor do seu esforço em prol da modalidade. Este ano realizaram-se cá em Espinho algumas provas a última das quais internacional, o que mostra até certo ponto o interesse que a modalidade continua a despertar.

BASQUETEBOL

Continual! A custa dum punhado de indivíduos com boa-vontade, com amor à camisola! Enfrenta a indiferença, os critérios elitistas de responsáveis do clube, mas continua! E ainda bem!

FUTEBOL

O rei dos espectáculos! Os milhões aos pontapés! As vedetas e as expulsões! Os insultos e as derrotas! As palmas e os triunfos! E Mário Morais, apesar de superpressionado, leva o seu punhado de profissionais ou de não amadores a bom termo, classificando-se em 2.º lugar na Zona Norte, após mau começo e fulgurante final, vencendo sem papas na língua a «liguilla» que permitia a entrada na 1.ª Divisão Saem uns, entram outros e lá se vai de cara levantada, no meio dos barões e dos duques do futebol lusitano. João Carlos, Meireles, Gonçalves, aliados dum Manuel José, um Gaspar ou dum Reis, sob batuta do técnico lá vão fugindo ao precipício.

Mas os mais novos também sabem chutar no objecto redondo, feito de couro, conquistando os juniores orientados pelo amador João Félix, um campeão regional sem a nódoa de derrota.

Futebol continua a ser o espectáculo das multidões, o desporto de muitos, e ganha-pão de bastantes!

GINÁSTICA

Também com dificuldades! Ou o desporto amador, numa sociedade

de destas, não o seria se não viesse embrenhado em contrariedades. Mesmo que os dois clubes locais se esforcem para educar no aspecto físico a população juvenil. Mesmo que a A. A. E. continue a conquistar títulos no campo da ginástica desportiva. O pior são os apoios, a falta de instalações. O pior é que as estruturas ainda não nasceram!

HÓQUEI EM CAMPO

Pois claro! A modalidade não é do agrado do grande público, campo existiu mas já não existe. Alguns «furiosos» continuam a envergar a camisola da A. A. E. e Alvaro Rocha e Oscar são seleccionador e internacional de juniores da modalidade. Mesmo assim, as dificuldades são muitas apesar da gigantesca boa-vontade.

HÓQUEI EM PATINS

O hóquei em patins em 1977 voltou a confirmar o excelente trabalho de base que a AAE tem feito de há uns anos a esta parte com a conquista de mais dois títulos de campeões regionais para as categorias de iniciados e infantis. Nos juniores os resultados obtidos foram perfeitamente normais, podendo a equipa até ter ido mais longe se tivesse tido o apoio necessário. Os seniores foram uma desilusão já que começaram a época prometendo bastante, não confirmando contudo, no decorrer daquela, os bons resultados iniciais. O aspecto talvez mais positivo do ano de 77 foi a realização do 1.º Torneio Internacional, que foi um êxito e deverá, estamos certos, voltar a realizar-se em 78.

VOLEIBOL

O voleibol é das modalidades com mais tradições em Espinho. Por isso, tudo o que se passa nesta modalidade é pouco mais ou menos do conhecimento geral. O primeiro

aspecto a salientar são os bons resultados das camadas jovens do S. C. E., obtendo dois 2.º lugares nos nacionais das respectivas categorias (juniores e iniciados), ao contrário da A. A. E. que não esteve presente em nenhuma fase final dos campeonatos nacionais e dá mostras de ter perdido a hegemonia do voleibol juvenil em Espinho, posição essa que manteve durante 2 ou 3 anos. O segundo aspecto a salientar, são os progressos da equipa feminina da A. A. E. que subiu à 1.ª Divisão regional. O terceiro e último aspecto são os excelentes exibícios da equipa sénior do S. C. E. no último campeonato Nacional, o que não bastou, pois foi arredada da fase final dum nacional para esquecer, por ámbros sem escrúpulos e por jogos de secretaria. Esperemos que o ano de 78 seja melhor.

XADREZ

Falar de Xadrez em Espinho é falar da actividade da Secção de Xadrez da A. A. E. O ano de 1977 ficou assinalado por grandes progressos. Quer no número de praticantes — o trabalho da S.X.A.A.E. junto das escolas dá os seus resultados — quer mesmo nas classificações obtidas nas provas oficiais, que revelaram xadrezistas com largo futuro. Casos de Amadeu Loureiro e, sobretudo, de José Azevedo, que conquistou o 6.º lugar no Campeonato Nacional de Juniores e foi o único xadrezista a vencer o grande-mestre soviético Pankin, numa simultânea efectuada em Lisboa.

Aguardemos 1978. Há novos valores a despontar e poderá ser o ano da afirmação definitiva da S. X. A. A. E. como um dos mais importantes núcleos do Norte.

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

Talho e Charcutaria
CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

INSCREVE-TE
COMO SÓCIO DA
NASCENTE

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar d'Afonseca e Castro

JUSTIFICAÇÃO

Certifico, para efeitos de publicação, que neste cartório e no livro de notas para escrituras diversas B-Número 52, de folhas 45 verso a 46 verso, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, com data de ontem, na qual ERNESTO PEREIRA DA ROCHA, que também usa e é conhecido por ERNESTO PEREIRA DA ROCHA, natural da freguesia de Silvalde, deste concelho, e mulher, ROSA ALVES DA SILVA, natural da freguesia de Anta, deste mesmo concelho, onde residem no lugar do Souto, casados em comunhão geral de bens, se declaram donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, de um prédio misto composto por casa de rés do chão e um pavimento, com dependências para arrumações e currais e quintal, e terreno junto, sito no lugar do Souto ou Fonte, freguesia de Anta, deste concelho, que confronta do norte com caminho público, sul com a estrada, nascente com Joaquim de Oliveira Resende e Albino Couto e poente com Largo do Souto, inscrito na respectiva matriz predial sob os artigos 144, urbano, e 2.162 e 2.164, rústicos, com os rendimentos colectáveis de

561\$00, 151\$00 e 179\$00, a que corresponde o valor material total de 17.820\$00, a que atribuem o valor de 200.000\$00, descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho de Espinho sob o número 903, a folhas 138 do livro B-3, sem possuidor inscrito, o qual possuem em nome próprio há mais de trinta anos sem a menor oposição de quem quer que seja desde o seu início, posse que sempre exerceram sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso uma posse pacífica, contínua e pública, pelo que o adquiriram por usucapião.

ESTA CONFORME AO ORIGINAL
Espinho e cartório notarial, 22 de Dezembro de 1977.

O Ajudante do Cartório,
(José dos Santos Sil)

Conta registada sob o n.º 10.848

N.º 77 — Maré Viva — 29/12/77

CONCORDE - Agência de Viagens e Turismo

PASSAGENS — PASSAPORTES — TURISMO — AUTOMÓVEIS DE ALUGUER
RESERVAS DE HOTEIS — BILHETES DE COMBOIO — EXCURSÕES

AGÊNCIAS EM AVEIRO — ILHAVO (Sede) — AGUEDA

ESPINHO

RUA 12 n.º 628 — TELEFONES 921941 e 921285 — APARTADO 114

Jorge Ramiro: «António Leitão é um ser humano, não é uma máquina de corridas»

O ressurgimento do atletismo em Espinho está indissoluvelmente ligado ao jovem António Leitão, que com o seu valor tem ajudado a projectar a modalidade com o nome do Sp. de Espinho. Mas se Leitão desempenha um papel importante neste campo, não seria justo esquecer o trabalho de homens como o eng. Arménio Gomes, como dirigente do Departamento das Actividades Amadoras, e Jorge Ramiro, que terá contribuído decisivamente para o impulso que o atletismo e outras modalidades amadoras tiveram entre nós, nos dois últimos anos.

Com Jorge Ramiro falámos de Leitão, de S. Silvestre, da secção de atletismo do S. C. E., como veremos a seguir. Mas antes ainda de o começarmos a ouvir, completamos-lhe a apresentação: conta quase 24 anos, nasceu em Angola, onde praticou remo, foi campeão angolano de basquetebol pelo Vila Clotilde e tirou cursos de treinador de basquetebol e atletismo. Radicado em Espinho desde há três anos, esteve ligado à ginástica educativa do S. C. E., foi campeão regional de andebol por duas vezes, foi um dos fundadores da secção de basquetebol da A. A. E. onde ainda joga de vez em quando e é actualmente professor de Educação Física na Escola Preparatória de Sá Couto, onde fundou recentemente um núcleo de Xadrez. Apesar de tão larga e diferenciada actividade, Jorge Ramiro terá desempenhado a sua tarefa mais importante como monitor, e praticante de atletismo do S.C.E., quase desde o início e, pouco depois, como técnico de António Leitão.

Falar de Leitão era inevitável e foi por aí que começámos, abordando a carreira do jovem atleta.

J. R. — A primeira vez que contactei com o António Leitão surgiu dum conversa com um professor de Educação Física da Sá Couto, que me chamou a atenção para dois miúdos que revelavam boas aptidões para o atletismo. Um deles era Leitão e desde dessa altura nunca mais deixei de acompanhar a sua carreira. Estou por isso à vontade para afirmar, e não só pelas provas que já deu, que António Leitão poderá vir a ser um dos melhores atletas a nível internacional na sua especialidade. Ele até já o é no seu escalão como o provou em Moscovo e mais recentemente em França. Só que vai ser preciso trabalhar muito a sério e saber esperar que esse trabalho dê os seus resultados. Será sobretudo necessário que se compreenda que ele é um ser humano e não uma máquina de corridas.

M. V. — Pelos vistos, nem toda a gente estará a entender isso...

PARANHOS E S. SILVESTRE

J. R. — É verdade. Compreendo o entusiasmo com que os espinhenses acompanham a carreira do seu atleta, mas devo dizer também que houve alguns casos de incompreensão que não se justificam. Ainda recentemente soube de um certo desencanto face ao 6.º lugar que António Leitão obteve na Volta a Paranhos. Pois posso afirmar que esta foi uma das melhores provas de estrada que o Leitão já fez. E repare-se que no ano passado ele havia ficado em 19.º lugar e que agora sendo ainda juvenil competiu com alguns dos melho-

res atletas portugueses. Mesmo a equipa portou-se muito melhor com o seu 8.º lugar, quando há um ano ficará lá pelo vigésimo. Não se esquecendo ainda que a distância ideal para o Leitão situa-se entre os 3.000 e 5.000 m, quando esta tinha cerca de 9.000 metros.

Devo também esclarecer que o valor e a evolução dum atleta se medem na pista, com um cronómetro. As provas de estrada devem ser encaradas como partes integrantes da preparação e não como um objectivo em si. Há de facto atletas que se preparam especialmente para estas provas, as «ganha-prémios», e que lhes dão um valor que não é real. Além disso, esta preparação intensiva em estrada traz muitos prejuízos aos atletas, nomeadamente o aparecimento de tendinites. Não é esse o trabalho que temos feito, tem sido sim um trabalho planificado, que permita melhorar marcas, ganhar provas quando houver oportunidade, mas sobretudo procurar uma evolução do atleta em termos correctos.

M. V. — O que houve com a ida a S. Silvestre, em S. Paulo?

J. R. — Estava, em Espanha quando veio o convite, que aliás só veio provar o prestígio do atleta. Quando de regresso soube dessa hipótese, achei que seria arriscado meter um atleta tão jovem numa prova tão dura, num clima tão diferente e sem qualquer preparação que visasse a participação. Em contacto com o Conselho Técnico, da Federação soube que o Leitão havia sido escolhido para duas provas internacionais em Espanha e na Bélgica, a realizar em Janeiro e, em face disso, optei pela não participação, no que aliás tive o acordo do Conselho e do próprio atleta. Para além de S. Silvestre vir agora prematuramente, não permitiria o tempo de recuperação necessário para aquelas duas provas, que são de grande responsabilidade. Não queria também deixar de referir que estas duas provas vieram também muito em cima da hora com prejuízo da planificação de treinos que tinha elaborado. Mas, enfim, vai-se fazer o possível...

EUROPEUS E JOGOS OLIMPICOS

M. V. — Que perspectivas vê para Leitão, pelo menos a médio prazo?

J. R. — As perspectivas são as mais optimistas, como o provaram as provas que fez no Europeu de Juniores, e a sua vitória em Clermont-Ferrand, que teve para mim até um sabor especial, pois toda a preparação para esta prova foi feita cá em Espinho. Pois penso que Leitão irá aos próximos Europeus de Juniores, já como favorito, e que poderá também participar nos Jogos Olímpicos de Moscovo. Estes são dois objectivos que não abandonaremos.

A MODELAR

ÓPTICA — RELOJOARIA
OURIVESARIA — OFICINAS
Rua 16 — Mercado Municipal
ESPINHO

M. V. — Mas António Leitão não é único atleta do S. C. Espinho?

J. R. — Pois não é, nem há no atletismo do S. C. E. quem pense assim. Claro que Leitão é um atleta que requer uma atenção especial, dada a sua categoria e responsabilidades, mas os outros não são de modo algum esquecidos. Eu próprio tenho a meu cargo mais 80 atletas, para além do António Leitão, o que exige grande desdobraimento de trabalho. São atletas que incluímos no escalão A, ou seja, os que têm possibilidades

continua na página 6

HÓQUEI EM PATINS

A. A. E. em Espanha

A equipa principal de hóquei em patins da Associação Académica de Espinho desloca-se a Oviedo, para ali disputar um torneio quadrangular, nos próximos dias 3 e 4 de Janeiro. Com a equipa espinhense competirão duas equipas espanholas e ainda o F. C. do Porto.

Será palco do torneio o recinto onde recentemente se disputou o Campeonato do Mundo da modalidade.

DESPORTO

77 EM BALANÇO

Findo o ano, vem sendo habitual lançarmos contas à vida e desfilar, com imprecisões naturais, os acontecimentos de maior envergadura nos diversos sectores da vida nacional ou cá do burgo. Quanto ao aspecto desportivo cá estamos nós, a rabiscar algumas notas incompletas e toscas sobre o que de mais importante 1977 nos trouxe. Sem esquecer que nem só o desporto federado é rei, que nem só as vitórias provocam bonos. Louvando acima de tudo, todas aqueles que, sem inte-

resses e sem obsessões, pugnam por um desporto aberto a todos, praticado por quem deseja cultivar o físico e a mente, quem deseja conviver, quem deseja fazer da alegria um estimulante.

Claro que ignorar as vitórias, as derrotas, os títulos, as evidências, seria um sacrilégio que não ousamos cometer. Mas continuamos a apelar para o despir do complexo da campeonite e para o vestir do desejo de competir como convívio e não como batalha campal.

ANDEBOL

Nesta modalidade destaca-se a vitória da equipa sénior do S. C. E. no regional portuense da 2.ª divisão, o que constitui mais um passo para alcançar a almejada meta da 1.ª Divisão Nacional. Nas categorias de juniores e juvenis, os resultados não foram tão bons como nos seniores apesar de os juniores possuírem um excelente conjunto que por contingências várias não conseguiram resultados de acordo com o seu real valor.

ATLETISMO

O atletismo foi, com o futebol, a modalidade mais em foco em 1977. Isto deve-se sem dúvida aos excelentes resultados obtidos por António Leitão, um jovem que tem demonstrado valor para estar entre os melhores. Mas dizer que o atletismo espinhense foi só António Leitão seria uma tremenda injustiça. Temos de considerar em primeiro lugar o excelente trabalho do técnico Jorge Ramiro, um jovem que se tem dedicado de alma e coração ao atletismo do S. C. E. A ele se deve muito do trabalho que esteve na base dos êxitos conseguidos. Além disso, apareceram também valores bastantes promissores na categoria de iniciados, nomeadamente os irmãos Marcelos que têm demonstrado excelentes aptidões para as provas de velocidade.

Esperamos que em 78 os progressos conseguidos por esta secção e, não só, convençam à construção urgente do complexo desportivo que tanta falta está a fazer.

Desportista do Ano Equipa do Ano

O leitor é que irá escolher aqueles que considera o melhor atleta, o melhor técnico e a melhor equipa de 1977 do desporto espinhense

Basta mandar um postal para a nossa redacção até 3 de Janeiro de 1978.

Faça sua, a nossa opinião!

BADMINTON

O badminton é uma modalidade que parece estar a ganhar raízes em Espinho. E isto porque o nú-

continua na página 7

MARÉ VIVA

Vimos-lhe cantar os Reis
Com prazer e alegria,
Que nasceu o Deus Menino
Filho da Virgem Maria.

Um raminho, dois raminhos,
Cada ramo seu enfeito;
Viva o dono desta casa,
Que esta vai a seu respeito.

Um raminho, dois raminhos,
Três raminhos em flor;
Vivam também os seus filhos,
Que esta vai em seu favor

Boas noites, boas noites,
Boas noites vimos dar
À porta destes senhores,
Se as quiserem aceitar.



Ó da casa, cavalheira,
'Scutareis e ouvireis
Duas meninas donzelas
Que nos vêm pedi-los Reis.

Ó da casa, nobre gente,
Escutai e ouvireis:
Vimos dar as boas festas
E também cantar os Reis

As janeiras são cantadas
Do natal até aos Reis
Olhai lá por vossas casas
Se há coisa que vós nos deis

Boas festas, boas festas,
Boas festas vimos dar,
Pedir ao senhor da casa
Se a janeira nos quer dar.

Quanta coisa boa fica pelo caminho, triturada pela roda imparável da civilização e do progresso! A vida foi passando da aldeia para a cidade, e muitas das mais belas e significativas tradições populares se perderam, quase sem deixar rasto. Melhor, deixando lá no fundo uma vaga recordação e uma certa saudade. Na cidade, as pessoas são anónimas, quase não se conhecem; as famílias fecham-se muito nas suas casas; as ruas são para os automóveis e para o comércio; a vergonha e o medo do ridículo, assim como certas «conveniências sociais», impedem uma vivência mais alegre e comunitária de certas festas do ano.

As janeiras cantadas de janela em janela, as belas desfolhadas das noites quente do Verão, as fogueiras de S. João em cada rua, os bailes fora de garagens aperta-

Alevanto-se menina
Desse cantinho do lar.
Vá lá dentro à cozinha,
Traga de lá que nos dar.

Levante-se daí senhor,
Do seu tão rico banquinho.
Venha-nos dar a Janeira
Em louvor do Deus Menino.

Tem a música o poder
De tornar o homem feliz;
Nem há quem saiba dizer
Tanto quanto ela nos diz

(Aleixo)

Vamos cantar as Janeiras?

das ou salões asfixiantes, as cantigas ao desafio no terreiro da festa: muitos de nós lembrar-se-ão ainda destas ou doutras manifestações semelhantes, nas aldeias ou mesmo em Espinho (quando ainda não era «tão cidade»...). Que é feito dessas festas de toda a gente, sem fatos e sem gravatas, apenas com um coração cheio de força de cantar e bailar?

A festa é comunicação, é encontro com os outros, é vida de comunidade. Por isso, não sendo tudo na vida, é uma parcela bem importante.

E então a festa na rua! Que mania é esta de cada vez mais celebrar a alegria no espaço pesado de quatro paredes? A experiência mostra-nos que, quando alguém se enche de coragem e desce à rua com a alegria de certas tradições populares, as pessoas gostam, aplaudem, riem, participam até. Participam, depois de perderem a natural inibição de quem há muito tempo não canta cá fora! E mais participariam, se não receassem os comentários irónicos de quem já nada tem dentro de si para cantar... Tudo isto se provou com a festa que foram as Janeiras do Coro Popular de Espinho, esta semana...

É, pois, urgente descobrir mais Janeiras, mais vezes em cada ano. Sair de casa, largar as pantufas, trazer a família cá para fora e fazermos todos um coro que se há-de ouvir nas nuvens!

Tenho mais de mil amigos
Aqui não me sinto só
Cantarei ao desafio
Ninguém tenha de mim dó.

Canta tu, cantarei eu,
Faremos um cantarão;
Canta tu ó mesmo tempo
P'ra animar esta função.

Eu quero cantar agora
Para o tempo aproveitar
Amanhã será já tarde
Talvez tenha que chorar.

A perdiz canta no monte
Sem ter medo de ninguém
Eu também canto sem medo
Não devo nada a ninguém.

Quero cantar, ser alegre,
Que a tristeza não faz bem.
Inda não vi a tristeza
Dar de comer a ninguém.

A FESTA DESCEU À RUA

Era noite de compras. As lojas estavam a abarrotar de tudo o que podia ser presente de Natal. E de gente, que também enxameava pelos passeios.

De repente, surgiu pela rua 19 abaixo um estranho cortejo. Quarenta pessoas cantavam e tocavam música de Natal. Vinham cantar as Janeiras. Traziam um carro com a árvore dos presentes, outro carro com músicos, algumas figuras tradicionais. A sátira ao bacalhau que não há também lá vinha.

E foi uma festa.

O Coro Popular de Espinho, da nossa Cooperativa NASCENTE, trouxe música tradicional portuguesa para a rua, para ao pé das pessoas. E estas ade-

riram com entusiasmo, foram atrás, cantaram também, ouviram atentamente as canções e os poemas dos mini-espectáculos realizados.

Em zonas mais afastadas do centro tinha havido Janeiras cantadas à janela, na boa linha da tradição popular. Sem casas marcadas. Quem viesse à janela ou à varanda tinha música.

Foi uma festa. E vai ainda continuar a ser, em Espinho, no Rio Largo, no Bairro dos Pescadores, em Anta.

E vai ser também para os sócios da NASCENTE, por alturas dos Reis. No próximo «Maré Viva» daremos mais informações. Mas vão-se preparando. É uma daquelas festas que não se podem perder...



Foi um pequeno concerto de Natal em plena rua 19. Depois seria outro no Largo da Graciosa. E outro na rua 23. Foi a festa fora de casa, foi a festa para toda a gente.



PORTE
PAGO

Ilídio Martins da Silva
R. 33 - Bº Moderno-Espinho